



HAL
open science

**“ Glotofobia: da discriminação linguística ao racismo
pelo sotaque ”**

Graça dos Santos

► **To cite this version:**

Graça dos Santos. “ Glotofobia: da discriminação linguística ao racismo pelo sotaque ”. 2019. hal-04333510

HAL Id: hal-04333510

<https://hal.parisnanterre.fr/hal-04333510v1>

Submitted on 15 Dec 2023

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



Gltofobia: da discriminação linguística ao racismo pelo sotaque

*A minha professora disse que era preciso dominarmos bem a língua francesa*¹

“Na nossa sociedade a linguagem é um instrumento de dominação e de discriminação poderoso e desconhecido. Impor a sua língua como a única aceitável, estimável, razoável e menosprezar, desqualificar, rejeitar uma pessoa pela sua maneira de falar, o seu sotaque ou o seu vocabulário é tão ilegítimo como rejeitá-la pela sua religião, a cor da sua pele ou a sua orientação sexual – as várias discriminações mais ou menos reconhecidas e punidas pela lei em França”². As discriminações fundamentadas na língua são no entanto ainda largamente ignoradas, embora afetem milhares de pessoas. Estão evidentemente relacionadas com a xenofobia, o racismo ou o menosprezo social, mas a proposta do sociolinguista francês Philippe Blanchet permite enfim denominá-las e assim, neste ato fundamental, também denunciá-las e combatê-las. Trata-se da **gltofobia**, uma forma de discriminação linguística aplicada às pessoas cujo vocabulário ou pronúncia não corresponde à norma dominante da língua. Como um bilhete de identidade, a língua que falamos e o modo como a falamos revela algo sobre nós. Diz a nossa situação cultural, social, étnica, profissional, a idade, a origem geográfica... Diz a nossa diferença. Ao falar desvendamo-nos, e o ato de elocução que deveria ser afirmação de si próprio pode transformar-se numa forma de denúncia, de não pertença ao

¹ *Ma maîtresse a dit qu'il fallait bien posséder la langue française*, título de um livro marcante de Alain Le Saux autor / ilustrador de edições juvenis, publicado no n.º 227 de *La revue des livres pour enfants* em fevereiro de 2006, na série « Francophonies ».

² Philippe Blanchet, *Discriminations : combattre la glottophobie*, Editions Textuel, 2016, Paris. Esta situação não se limita, evidentemente, ao caso da França.

grupo dominante.

Em vez de considerar tanto o plurilinguismo como a pluralidade linguística no interior duma mesma língua como sinais de vitalidade e de riqueza do mundo e da sociedade onde vivemos, a **glotofobia** nega-os, menospreza-os e procura aniquilá-los. É uma rejeição que não se limita a negar uma característica (real ou suposta) de alguém: é a rejeição da pessoa. O que é muito preocupante é a naturalidade com que esta forma de racismo que é a **glotofobia** se expande sem verdadeiros filtros manifestando-se de modo mais ou menos visível como uma prática social à partida inevitável. Procede de uma exclusão que nega um locutor não só por este não se exprimir numa língua em vez de outra (porque não fala na língua esperada, valorizada e considerada como **a** língua que deve ser falada) mas também por utilizar no seio de uma dada língua uma variedade considerada como inferior ou incorreta (um sotaque, uma maneira de falar ou de escrever, um determinado vocabulário ou registro). Philippe Blanchet ilustra o seu estudo com exemplos franceses, mas que são transponíveis para todos os outros espaços nacionais. Assim, em Portugal são inúmeros os comentários depreciativos usados para qualificar os falantes das várias regiões em que não se pratica unicamente o português de Coimbra ou de Lisboa. São frequentes também as anedotas referentes à prática linguística dos emigrantes e de seus filhos quando regressam nas férias. Produz-se assim uma forma de humor construído a partir dum olhar estereotipado à custa de falantes negados física e vocalmente.

A reflexão sobre a **glotofobia** também permite questionar os imaginários linguísticos e culturais numa perspetiva poscolonial ou descolonial. Devem ser novamente pensados os discursos apoiados numa territorialização política ou ideológica e sustentados por referências à pureza da origem, da língua, da religião ou do dogma ideológico³. Tal implica uma imprescindível reflexão sobre o papel do imaginário e do poder na prática e na circulação quotidianas das línguas na sociedade, mas também sobre o ensino destas num mundo regido por relações de dominação herdadas e reproduzidas se não forem desconstruídas.

Graça Dos Santos é professora catedrática na Universidade Paris Nanterre onde é diretora do CRILUS, do Doutoramento e Master em Estudos Românicos (português). Encenadora, atriz e professora de teatro, escreve sobre as noções de corpo físico / corpo social, sobre as representações cénicas do corpo e do povo, sobre a ditadura salazarista e a censura. Tem numerosos artigos publicados sobre a história do espectáculo europeu e sobre o teatro português. Publicou *O espectáculo desvirtuado. O teatro português sob o reinado de Salazar (1933-1968)*, Editorial Caminho, Lisboa 2004, e mais recentemente *Miguel Torga, le dialogue inassouvi, essai d'analyse de son écriture dramatique*, Peter Lang, 2018. Cofundadora da companhia Cá e Lá (Compagnie bilingue français/portugais), tem desenvolvido um trabalho específico sobre o ator bilingue e sobre as conexões entre teatro e ensino das línguas. É diretora de Parfums de Lisbonne – Festival d'urbanités croisées entre Lisbonne et Paris cuja 13ª edição decorre entre 23 de maio e 18 de julho de 2019. É consultora de MEMOIRS Filhos de Império e Pós-memórias Europeias.

http://memoirs.ces.uc.pt/index.php?id=22153&id_lingua=1&pag=22284http://memoirs.ces.uc.pt/index.php?id=22153&id_lingua=1&pag=22284

<https://www.parisnanterre.fr/mme-maria-da-graca-dos-santos--696258.kjsp>

<https://parfumsdelisbonne.com/>

dos-santos.graca@wanadoo.fr

³ Émilienne Baneth-Nouailhetas, « Le postcolonial : histoires de langues », *Hérodote* N° 120, 2006, p. 48-76